

# ASPECTOS GERAIS DA FORMAÇÃO DA ENFERMAGEM: O PERFIL DA FORMAÇÃO DOS ENFERMEIROS, TÉCNICOS E AUXILIARES

Maria Helena Machado<sup>1</sup>, Mônica Wermelinger<sup>2</sup>, Monica Vieira<sup>3</sup>, Eliane de Oliveira<sup>4</sup>, Waldirlando Lemos<sup>5</sup>, Wilson Aguiar Filho<sup>6</sup>, Wagner Ferraz de Lacerda<sup>7</sup>, Maria Ruth dos Santos<sup>8</sup>, Paulo Borges de Souza Junior<sup>9</sup>, Everson Justino<sup>10</sup>, Cintia Barbosa<sup>11</sup>

O artigo tem como objetivo analisar os aspectos gerais da formação profissional dos trabalhadores da equipe de enfermagem. É um estudo transversal cuja população alvo é constituída por todos os enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem do Brasil, que possuem registro ativo no Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). Os resultados enfatizam que a formação é realizada principalmente no setor privado e no Sudeste. Mostram ainda, que a maioria concluiu a graduação há menos de 10 anos e em horário parcial. Constata que 1/3 fez o curso de técnico e/ou auxiliar em enfermagem e em sua maioria exerceu a função. Já a formação dos técnicos e auxiliares é realizada pela iniciativa privada e em cursos noturnos, mais de 1/3 tem ou está realizando graduação e, desses 11,5% já concluíram e a maior parte demonstra interesse em continuar os estudos na própria área. As políticas públicas existentes não têm sido efetivas no sentido de desconcentrar o aparelho formador e o financiamento, bem como reverter o quadro de desequilíbrio entre oferta e demanda de profissionais. Os dados da pesquisa permitem subsidiar a construção de políticas públicas adequadas com a realidade desse imenso contingente de trabalhadores, fundamentais para o Sistema Único de Saúde.

**Descritores:** Perfil da enfermagem, formação profissional, equipe de enfermagem.

The article aims to analyze the general aspects of their training. It is a cross-sectional study whose target population consists of all nurses, technicians and nursing assistants from Brazil, which have active registration with the Federal Nursing Council (COFEN).

The results emphasize that the training is carried out mainly in the private sector and in the Southeast. Still show that the majority concluded graduation less than 10 years and part-time. It notes further that 1/3 made the technical course and / or auxiliary nursing and mostly served the function. Already the training of technicians and assistants are held by the private sector and evening courses. Realize the data that more than one third have or are conducting graduate and, of these 11.5% have completed and most shows interest in continuing their studies in their own area. Still show the existing public policies have not been effective in order to decentralize the trainer device and financing, as well as reverse the imbalance between supply and demand picture professionals. The survey data may subsidize the construction of public policies adequate to the reality of the huge number of workers, fundamental for the National Health System.

**Descriptors:** Profile of nursing, vocational training, the nursing staff.

El artículo tiene como objetivo analizar los aspectos generales de su formación. Se trata de un estudio transversal cuya población objetivo consta de todas las enfermeras, técnicos y auxiliares de enfermería de Brasil, que tienen el registro activo con el Consejo Federal de Enfermería (COFEN). Los resultados ponen de manifiesto que la formación se lleva a cabo principalmente en el sector privado y en el sureste. Aún muestran que la mayoría llegó a la conclusión de graduación inferior a 10 años y de tiempo parcial. Señala además que 1/3 hicieron el curso técnico y / o auxiliar de enfermería y en su mayoría se sirve la función. Ya la formación de los técnicos y auxiliares están en manos de los cursos del sector privado y de la tarde. Darse cuenta de los datos que más de un tercio han o están llevando a cabo de posgrado y, de éstos el 11,5% ha completado y la mayoría de los espectáculos de interés en continuar sus estudios en su propia área. Aún muestran las políticas públicas actuales no han sido eficaces, a fin de descentralizar el dispositivo de entrenador y la financiación, así como revertir el desequilibrio entre los profesionales de la oferta y la demanda de imagen. Los datos de la encuesta pueden subsidiar la construcción de políticas públicas adecuadas a la realidad de la gran cantidad de trabajadores, fundamental para el Sistema Único de Salud...

**Descritores:** El perfil de la enfermería, la formación profesional, el personal de enfermería.

<sup>1</sup>Socióloga. Doutora em Sociologia, pesquisadora titular da ENSP/FIOCRUZ. Coordenadora do NERHUS e do OBSERVARH-ENSP. Coordenadora geral da pesquisa: Perfil da Enfermagem no Brasil, FIOCRUZ/COFEN. machado@ensp.fiocruz.br

<sup>2</sup>Bióloga. Doutora em Saúde Pública, pesquisadora do NERHUS/ENSP/FIOCRUZ.

<sup>3</sup>Socióloga. Doutora em Saúde Coletiva, pesquisadora da EPSJV/FIOCRUZ.

<sup>4</sup>Nutricionista. Mestre em Saúde Pública, pesquisadora colaboradora do NERHUS/ENSP/FIOCRUZ. Coordenadora adjunta da pesquisa: Perfil da Enfermagem no Brasil, FIOCRUZ/COFEN.

<sup>5</sup>Tecnólogo em RH. Especialista em Gestão do Trabalho e da Educação em Saúde, pesquisador colaborador do NERHUS/ENSP/FIOCRUZ.

<sup>6</sup>Enfermeiro. Mestre em Gestão do Trabalho e da Educação em Saúde, pesquisador colaborador do NERHUS/ENSP/FIOCRUZ.

<sup>7</sup>Pedagogo. Especialista em Gestão de Saúde, pesquisador do NERHUS/ENSP/FIOCRUZ.

<sup>8</sup>Farmacêutica. Doutora em Saúde Pública, pesquisadora colaboradora do NERHUS/ENSP/FIOCRUZ.

<sup>9</sup>Estatístico. Doutor em Saúde Pública, pesquisador adjunto do ICICT-FIOCRUZ.

<sup>10</sup>Analista de Sistemas. Especialista em Análises de Sistemas, auxiliar de pesquisa do NERHUS/ENSP/FIOCRUZ.

<sup>11</sup>Tecnóloga em RH. Gerente de projetos do NERHUS/ENSP/FIOCRUZ.

## INTRODUÇÃO

Neste artigo se tratará de analisar os aspectos gerais da formação profissional da equipe de enfermagem, enfermeiros, técnicos e auxiliares, quais sejam: local de formação, natureza da instituição, modalidade de cursos e antecedentes da formação relacionado ao desejo de fazer uma outra graduação (para os enfermeiros) e de continuar os estudos, realizando curso superior, muitos deles, em enfermagem. Enfim, apresentar-se-à questões que mostram a diversidade e complexidade dessa corporação, responsável por mais da metade de todo contingente de saúde do país, ou seja, 1.800.000 de um total de 3,5 milhões de trabalhadores de saúde.

O texto está estruturado de forma que permita ao leitor conhecer e debater as principais questões relacionadas a formação técnica e profissional da enfermagem, possibilitando, em vários momentos, diferenciar as três categorias profissionais: Equipe, Enfermeiros, e Auxiliares/Técnicos de Enfermagem.

## ANÁLISE DOS RESULTADOS

### OS ENFERMEIROS

#### Onde se formam

Utilizando os dados da pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil, pode-se afirmar que a formação dos enfermeiros se dá em sua maioria (57,4%) em instituições privadas de ensino superior. As públicas são responsáveis pela formação de 35,6% do contingente e as filantrópicas, por menos de 5% (Tabela 1).

**Tabela 1** - Enfermeiros segundo natureza da instituição formadora - Brasil

Natureza da instituição	V.Abs.	%
Pública	147.743	35,6
Privada	238.104	57,4
Filantrópica	19.087	4,6
Outra	419	0,1
NR	9.359	2,3
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100</b>

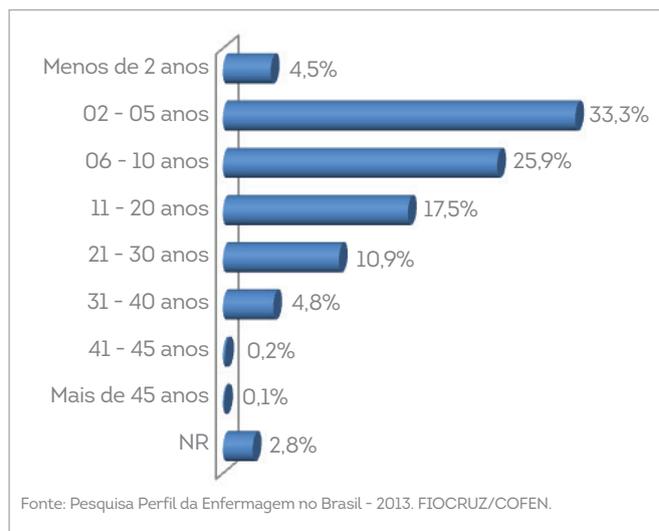
Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

### Força de Trabalho jovem

Observa-se que a maior parte dos enfermeiros está formada há 10 anos ou menos (63,7%). Considerando apenas aqueles que têm, no máximo, 5 anos de formados, esse percentual já ultrapassa os 38%. No extremo oposto, estão os que atuam há mais de 30 anos e que somam pouco mais de 5% do total (Gráfico 1).

Assim, é possível inferir que a enfermagem é uma profissão em processo de rejuvenescimento, constituída, predominantemente, por jovens. Esse dado associa-se a uma maior oferta de cursos nos últimos anos e está respaldado no significativo aumento do número de concluintes no Brasil. Segundo dados recentes do INEP<sup>(2)</sup>, o número de formandos passou de 7.046 em 2001 para 42.940 em 2010, apresentando um crescimento de mais de 500%.

**Gráfico 1** - Enfermeiros segundo tempo de formado - Brasil



### Os estados formadores - a hegemonia do Sudeste

Chama atenção o fato de que 3 dos 27 estados da federação são responsáveis pela formação de quase metade (46,1%) dos enfermeiros do país. São os estados de São Paulo (24,6%), Rio de Janeiro (11,1%) e Minas Gerais (10,4%), conformando-se em uma hegemonia regional seguido por Rio Grande do Sul (5,3%), Paraná (5,0%), Bahia (6,3%) (Tabela2).

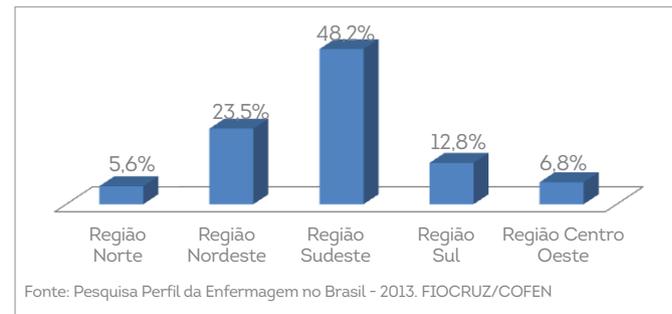
Observa-se que os estados do Nordeste não ultrapassam a 4%, cada, excetuando, a Bahia. É possível dizer que, apesar do grande volume de escolas existentes, há escassez de enfermeiros em determinadas regiões e localidades, uma vez que a concentração do aparelho formador é muito acentuada em apenas três unidades da federação, provocando um desequilíbrio entre oferta e demanda de profissionais no país.

**Tabela 2** - Enfermeiros segundo estado que se graduaram - Brasil

Unidade da Federação	V.Abs.	%
<b>Brasil</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>
<b>Região Norte</b>	<b>23.189</b>	<b>5,6</b>
Rondônia	1.853	0,4
Acre	1.196	0,3
Amazonas	6.793	1,6
Amapá	389	0,1
Pará	10.321	2,5
Roraima	310	0,1
Tocantins	2.326	0,6
<b>Região Nordeste</b>	<b>97.399</b>	<b>23,5</b>
Maranhão	10.057	2,4
Piauí	6.847	1,7
Ceará	14.161	3,4
Rio Grande do Norte	5.893	1,4
Paraíba	12.718	3,1
Pernambuco	15.445	3,7
Alagoas	3.510	0,8
Sergipe	2.462	0,6
Bahia	26.307	6,3
<b>Região Sudeste</b>	<b>199.937</b>	<b>48,2</b>
Minas Gerais	43.246	10,4
Espirito Santo	8.735	2,1
Rio de Janeiro	46.123	11,1
São Paulo	101.832	24,6
<b>Região Sul</b>	<b>53.268</b>	<b>12,8</b>
Paraná	20.909	5,0
Santa Catarina	10.364	2,5
Rio Grande do Sul	21.994	5,3
<b>Região Centro Oeste</b>	<b>28.350</b>	<b>6,8</b>
Mato Grosso do Sul	3.919	0,9
Mato Grosso	5.349	1,3
Goiás	12.480	3,0
Distrito Federal	6.603	1,6
<b>NR</b>	<b>12.569</b>	<b>3,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

O Gráfico 2, que mostra a distribuição destes profissionais por regiões, ilustra essa enorme concentração do aparelho formador no Sudeste com quase metade do contingente, ou seja, 48,2% do total. O Nordeste é a segunda região que mais forma no país, responsável pela graduação de 23,5%; seguida pelo Sul, com 12,8%. Já Centro-Oeste e Norte são as que menos contribuem para a formação destes profissionais, somando 12,4%.

**Gráfico 2** - Enfermeiros segundo regiões que se graduaram - Brasil

### População x Graduandos

Questões de ordem de grandeza populacional se refletem na confluência do aparelho formador em algumas unidades da federação. Assim, como pode ser observado acima, há correspondência entre os cinco maiores estados, em termos populacionais<sup>(5)</sup> - São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Sul - e os maiores formadores.

Se analisadas as informações obtidas na pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil, em relação ao volume de concluintes do curso de Enfermagem divulgado pelo INEP<sup>(2)</sup> para duas décadas - entre 1991 e 2010 (Tabela 3), essa relativa correspondência é mantida. Entretanto, ressalta-se o fato de que essa concentração de profissionais, em alguns estados, é ainda maior do que se poderia supor em termos de proporcionalidade populacional.

Segundo dados do Censo 2010<sup>(5)</sup>, por exemplo, São Paulo tinha 21,6% da população brasileira - o que explicaria os 24,6% egressos nesse estado. Minas Gerais concentra 10,3% da população - o que, também, mostra concordância com os 10,4% de enfermeiros lá formados. O Rio de Janeiro, entretanto, destoa dos demais, uma vez que, segundo o Censo 2010, concentra 8,4% dos habitantes do país e foi responsável por 11,1% do total de enfermeiros formados no país, indicando uma certa concentração de escolas. Por outro lado, há de se registrar a vocação histórica do Rio de Janeiro na conformação da profissão, seja na formação, como na própria organização corporativa. Desta forma, é possível identificar o Rio de Janeiro como o grande celeiro de enfermeiros do país.

**Tabela 3** - Relação entre o número de enfermeiros que declararam ter se formado em cada estado, distribuição populacional no país (IBGE) e dados sobre concluintes de Cursos de Enfermagem (INEP)

Estados	Enfermeiros por estados em que se graduaram - Perfil		População brasileira 2010 - IBGE		Concluintes Enfermagem 1991-2010 INEP	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
São Paulo	101.832	24,6	41.252.160	21,6	85.954	29,7
Rio de Janeiro	46.123	11,1	15.993.583	8,4	35.131	12,1
Minas Gerais	43.246	10,4	19.595.309	10,3	35.810	12,4
Bahia	26.307	6,3	14.021.432	7,4	14.418	5,0

Rio Grande do Sul	21.994	5,3	10.695.532	5,6	16.429	5,7
Paraná	20.909	5,0	10.439.601	5,5	16.988	5,9
Pernambuco	15.445	3,7	8.796.032	4,6	8.225	2,8
Ceará	14.161	3,4	8.448.055	4,4	6.875	2,4
Paraíba	12.718	3,1	3.766.834	2,0	8.413	2,9
Goiás	12.480	3,0	6.004.045	3,1	8.085	2,8
Santa Catarina	10.364	2,5	6.249.682	3,3	7.158	2,5
Pará	10.321	2,5	7.588.078	4,0	4.035	1,4
Maranhão	10.057	2,4	6.569.683	3,4	6.446	2,2
Espírito Santo	8.735	2,1	3.512.672	1,8	6.499	2,2
Piauí	6.847	1,7	3.119.015	1,6	3.518	1,2
Amazonas	6.793	1,6	3.480.937	1,8	3.379	1,2
Distrito Federal	6.603	1,6	2.562.963	1,3	4.282	1,5
Rio Grande do Norte	5.893	1,4	3.168.133	1,7	3.665	1,3
Mato Grosso	5.349	1,3	3.033.991	1,6	2.800	1,0
Mato Grosso do Sul	3.919	0,9	2.449.341	1,3	3.368	1,2
Alagoas	3.510	0,8	3.120.922	1,6	2.352	0,8
Sergipe	2.462	0,6	2.068.031	1,1	1.405	0,5
Tocantins	2.326	0,6	1.383.453	0,7	1.824	0,6
Rondônia	1.853	0,4	1.560.501	0,8	1.463	0,5
Acre	1.296	0,3	732.793	0,4	559	0,2
Amapá	389	0,1	668.689	0,4	497	0,2
Roraima	310	0,1	451.227	0,2	1	0,0
NR	12.569	3,0	0	0,0	0	0,0
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>	<b>190.732.694</b>	<b>100,0</b>	<b>289.579</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN<sup>(1)</sup>. Censo Demográfico - 2010. IBGE<sup>(3)</sup>. Censos da Educação Superior, Enfermagem - 1991 à 2010. INEP-MEC<sup>(2)</sup>.

## Modalidade do Curso

Quanto a modalidade do curso de graduação, 39,5% dos enfermeiros responderam que fizeram cursos diurnos e 36,6% em tempo integral. O noturno foi apontado como a modalidade de formação de 12,9%, enquanto que o vespertino foi responsável por menos de 8,4%. Dessa forma, fica clara a tendência do curso de enfermagem deixar de ser de horário integral, o que possibilita ao estudante manter um emprego durante a graduação.

## Outra Graduação: adquirindo nova identidade profissional

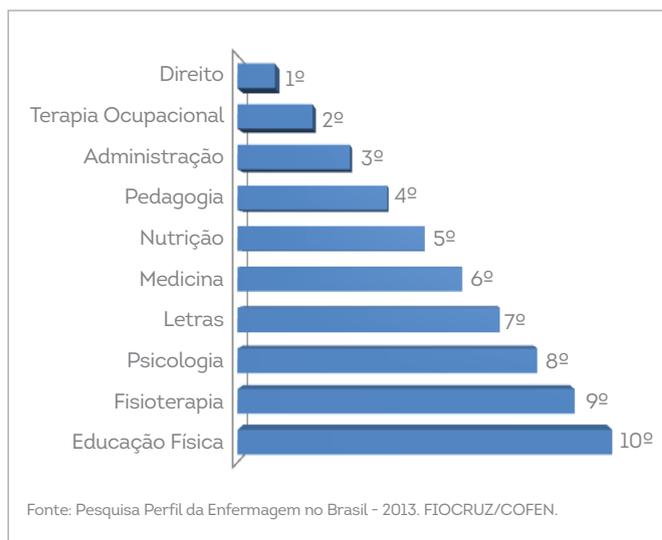
Outro dado interessante refere-se ao fato que pouco mais de 8% dos enfermeiros informaram ter realizado ou estar cursando outra graduação.

É importante notar que, em boa medida, eles tenham buscado fazer a outra graduação fora da área da saúde. Assim, cursos tidos como típicos da saúde, como é o caso de Medicina, Odontologia, Farmácia, Nutrição e Fisioterapia são menos mencionados como outra possibilidade de graduação/atuação no mercado de trabalho. A exceção da Terapia Ocupacional que, sendo da área da saúde, é supostamente visto e utilizado com fins de aprimoramento ou mesmo de alargamento do espectro de atuação do enfermeiro. Direito,

Administração e Pedagogia se destacam entre os preferidos (Figura 1).

Vale registro que mais de 9 mil enfermeiros afirmam ter cursado ou estar cursando algum curso de Tecnólogo, correspondendo a, 2,2% do total.

**Figura 1** - Ranking dos 10 cursos mais procurados pelos enfermeiros - Brasil



## Ex-técnicos/auxiliares tornando-se enfermeiros

Chama atenção que 1/3 (31,4%) do contingente de enfermeiros realizou, antes de se graduar, curso técnico ou auxiliar de enfermagem.

Dentre mais de 130 mil enfermeiros que fizeram curso Técnico ou Auxiliar de Enfermagem antes de se graduarem, 86,1% declararam ter exercido a atividade. Isso leva a afirmar que parte significativa (31,4%) desta Força de Trabalho é composta por ex-auxiliares e/ou técnicos com experiência, de fato, em enfermagem. Reforça-se a ideia de que esses profissionais possuem vivência de trabalho antes de se graduarem, o que é confirmado quando se observa que metade (51%) deles trabalhou antes de completar a graduação.

## Complementação da Graduação

Constata-se que pouco mais da metade (53,2%) dos profissionais fez curso de Complementação da Graduação.

Quando se analisa há quanto tempo esses enfermeiros fizeram complementação da Graduação, percebe-se que um volume significativo (47,9%) concluiu a Licenciatura há dez anos ou menos, enquanto mais de 57% cursaram Habilitação neste período (Tabela 4). Isso somado ao fato de que, como mencionado anteriormente (Gráfico 1), grande parte dos enfermeiros (63,7%) se graduou há 10 anos ou menos, torna possível indicar que há uma grande renovação e requalificação desse contingente. Pode-se, também, afirmar

que, historicamente, em todos os períodos analisados, houve uma maior busca pela modalidade Habilitação.

Deve-se assinalar, porém, que, comparando o grupo de enfermeiros que concluíram Complementação entre 6 - 10 anos atrás e os que cursaram entre 2 - 5 anos atrás, o crescimento relativo do número dos que fizeram Habilitação foi maior (crescimento de mais de 100%) do que aqueles que fizeram Licenciatura (crescimento de cerca de 20%).

**Tabela 4** - Enfermeiros que realizaram a Complementação de Graduação segundo tempo de conclusão - Brasil

Tempo de conclusão	Habilitação		Licenciatura	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Menos de 02 anos	27.288	21,8	7.512	12,1
02 - 05 anos	29.922	23,9	12.780	20,5
06 - 10 anos	14.183	11,3	9.553	15,3
11 - 20 anos	13.361	10,7	9.369	15,0
21 - 30 anos	15.217	12,2	8.786	14,1
31 - 40 anos	7.271	5,8	3.702	5,9
41 - 45 anos	390	0,3	18	0,0
Mais de 45 anos	10	0,0	20	0,0
NR	17.442	13,9	10.582	17,0
<b>Total</b>	<b>125.084</b>	<b>100,0</b>	<b>62.321</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Resumidamente, pode-se dizer que do contingente de enfermeiros do Brasil: 57,4% graduaram-se em instituições privadas; 36,6% frequentaram cursos com horário integral; 48,2% fizeram o curso na região Sudeste e 63,7% concluíram a graduação em enfermagem há menos de 10 anos. Além disso, 53,2% fizeram curso de Complementação de Graduação e 8,3% fizeram uma segunda Graduação. Importante assinalar que 31,4% dos enfermeiros fizeram curso de auxiliar ou de técnico em enfermagem antes de se graduarem e, dentre esses, 86,1% exerceram essa função.

### Pós-Graduação: modalidades

Os dados da pesquisa mostram que a grande maioria (80%) dos enfermeiros fez ou está fazendo alguma Pós-Graduação.

A Pós-Graduação no Brasil é regida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394 de 1996, no seu Capítulo IV e regulamentada pelas Resoluções CNE/CES nº 1/2001 (alterada pela Resolução CNE/CES nº 24/2002) e CNE/CES nº 1/2007<sup>(4)</sup>.

As modalidades existentes são designadas como 'lato

sensu' ou 'stricto sensu'. As denominadas 'lato sensu' compreendem cursos de especialização presenciais ou à distância, com carga-horária mínima de 360h, oferecidos por instituições de ensino superior credenciadas.

As 'stricto sensu' compreendem programas de Mestrado e Doutorado abertos a candidatos diplomados em cursos superiores e que atendam às exigências das instituições de ensino e ao edital de seleção dos alunos (art. 44, III, Lei nº 9.394/1996).

É importante esclarecer que, ainda que esses Mestrados e Doutorados no país tenham sido definidos há 50 anos, pelo Parecer nº 977/65 do Conselho Federal de Educação, somente a partir da década de 1990 a Pós-Graduação no país ganhou relevância. Assim, o expressivo percentual de enfermeiros com Pós-Graduação (80%) é um dado que não pode ser analisado de forma isolada. Só tem sentido quando tomado de forma contextualizada e analisado à luz da política de aumento da escolarização de um modo geral, relacionada à ampliação de vagas e facilitação do acesso ao ensino superior experimentada nos últimos anos.

Vale ressaltar, também, que, quando comparado às outras modalidades de Pós-Graduação, o Mestrado Profissional pode ser considerado, ainda, recente, tendo passado a ser incentivado na segunda metade dos anos de 1990.

A tabela 5 demonstra as modalidades cursadas pelos mais de 330 mil enfermeiros que fizeram ou estão fazendo Pós-Graduação, nos diversas áreas do conhecimento, incluindo enfermagem.

**Tabela 5** - Enfermeiros que realizaram Pós-Graduação segundo modalidade - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

Modalidade	V.Abs.	%
Programa de Residência	31.173	7,5
Especialização	300.792	72,8
Mestrado Profissional	14.679	3,6
Mestrado Acadêmico	45.154	10,9
Doutorado	19.529	4,7
Pós-Doutorado	1.858	0,4
<b>Total</b>	<b>413.184</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

### Natureza da Instituição que realizaram a Pós-Graduação

Destaca-se o grande contingente de profissionais que fizeram Especialização. Nas demais, modalidades encontradas são bastante díspares entre si, sendo que o Programa de Residência que ainda tem uma baixa oferta, portanto, com pouca expressão no cenário da Pós-Graduação.

Mesmo apresentando baixa oferta de vagas/alunos, o Programa de Residência é, hegemonicamente, oferecido pelas instituições públicas (76,1%), contra 18,4% nas privadas

e somente 2,6% nas Filantrópicas e dentre aqueles mais de 330 mil que fizeram essa especialização, 66,8% realizaram em instituições privadas; 30,7% nas públicas e pouco mais de 1% nas filantrópicas.

Fato importante de registrar que, sendo a Especialização a forma que mais de 70% utilizam para se qualificar, ela se dá, hegemonicamente, em instituições de iniciativa privada, mediante pagamento, recaindo, quase sempre, para o próprio profissional a responsabilidade e o ônus da formação. Neste caso, o poder público acaba se colocando à margem do processo, não se responsabilizando de fato pela formação especializada dessa imensa população de profissionais fundamentais ao Sistema Único de Saúde.

Por outro lado, apesar do Mestrado Profissional ser, dentre todas as modalidades de Pós-Graduação *stricto-sensu* no

Brasil, a mais recente (final da década de 1990), cerca de 4% dos enfermeiros já o fizeram. Entre esses mais de 14 mil, quase 60% fizeram o curso em instituições públicas e 33% em privadas. Neste nível de qualificação, onde uma minoria tem acesso, o Estado se faz presente, sendo responsável pela maioria absoluta dos cursos ofertados.

Já para o Mestrado Acadêmico, é ainda mais acentuada a presença do setor público na oferta de oportunidades de formação. Assim, dentre os mais de 45 mil enfermeiros que fizeram essa mestrado, quase 90% fizeram em instituições públicas, sendo 10,7% nas privadas e menos de 1% nas filantrópicas.

Ainda mais forte é a presença do financiamento público na oferta de Doutorado, ou seja, 93%. Já as privadas representam pouco mais de 3% (Tabela 6).

**Tabela 6** - Enfermeiros que realizaram Pós-Graduação segundo natureza da instituição formadora - Brasil

Natureza	Residência		Especialização		Mestrado Profissional		Mestrado Acadêmico		Doutorado	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Pública	23.738	76,1	92.295	30,7	8.656	59,0	39.317	87,1	18.201	93,2
Privada	5.748	18,4	200.887	66,8	4.882	33,3	4.840	10,7	698	3,6
Filantrópica	825	2,6	3.825	1,3	305	2,1	350	0,8	157	0,8
Outra	313	1,0	1.483	0,5	108	0,7	28	0,1	0	0,0
NR	550	1,8	2.301	0,8	728	5,0	619	1,4	473	2,4
Total	31.173	100,0	300.792	100,0	14.679	100,0	45.154	100,0	19.529	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

### Tempo de conclusão da Pós-Graduação

Analisando o quesito tempo de conclusão, 48,3% dos enfermeiros que fizeram Programa de Residência concluíram-no há 5 anos ou menos. Esse dado está de acordo com a relativa novidade dessa modalidade, apesar de ser a mais adequada à formação para os serviços, quando comparada às outras. Contudo, registra-se a presença de pessoas que realizaram este tipo de treinamento em outros tempos, com destaque para os períodos entre 6-10 anos e 11-20 anos que somam 28,2%, evidenciando que essa modalidade, mesmo que escassa em outras épocas, já se fazia presente na formação de especialistas.

Já dentre aqueles que optaram pela Especialização, 48,3% concluíram também mais recentemente, ou seja, há 5 anos ou menos. Nos períodos entre 6-20 anos somam 28,2% e somente 10,1% fizeram há mais de 20 anos. Tornam-se escassos os casos de profissionais que realizaram essa qualificação em períodos mais antigos, que significa dizer que também a especialização para o mercado de trabalho é um fenômeno relativamente recente entre os enfermeiros.

É possível dizer também que essa modalidade

(Especialização), mesmo auto-financiada acaba sendo a preferencial e mais acessível para os enfermeiros. Torna-se portanto, de grande relevância pública, para o Sistema Único de Saúde, o que deveria merecer das autoridades, maior empenho no financiamento de oferta para este enorme contingente de profissionais de saúde.

Segundo o mesmo comportamento das demais modalidades, do contingente que fez o Mestrado Profissional, 52% concluíram há 5 anos ou menos. Nos períodos seguintes, entre 6-20 anos esse percentual soma 18,6%.

Do contingente que fez Mestrado Acadêmico, 48,2% terminaram também há 5 anos ou menos. No período entre 6- 20 anos este percentual atinge 33%. Apenas 5% fizeram há mais de 20 anos, o que faz crer que esse tipo de qualificação também é, relativamente, recente no universo acadêmico da enfermagem no país.

Vale destaque que, mais de 44,3% dos enfermeiros que realizaram Doutorado o fizeram há 5 anos ou menos. Expandindo a análise para os que realizaram há menos de 10 anos, os percentuais chegam a 61,1%. Registra-se que 14,9% concluíram no período entre 11 e 20 anos atrás (Tabela 7).

**Tabela 7** - Enfermeiros que realizaram Pós-Graduação segundo tempo de conclusão - Brasil

Natureza	Residência		Especialização		Mestrado Profissional		Mestrado Acadêmico		Doutorado	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Menos de 02 anos	8.980	28,8	78.631	26,1	4.724	32,2	12.633	28,0	5.070	26,0
02 - 05 anos	6.073	19,5	80.513	26,8	2.913	19,8	9.126	20,2	3.574	18,3
06 - 10 anos	4.519	14,5	46.807	15,6	1.550	10,6	6.809	15,1	3.281	16,8
11 - 20 anos	4.276	13,7	32.461	10,8	1.188	8,1	8.022	17,8	2.909	14,9
21 - 30 anos	2.522	8,1	13.120	4,4	247	1,7	1.721	3,8	217	1,1
31 - 40 anos	543	1,7	4.378	1,5	0	0,0	411	0,9	48	0,2
41 - 45 anos	0	0,0	61	0,0	34	0,2	69	0,2	0	0,0
Mais de 45 anos	54	0,2	93	0,0	19	0,1	0	0,0	0	0,0
NR	4.206	13,5	44.728	14,9	4.004	27,3	6.363	14,1	4.429	22,7
Total	31.173	100,0	300.792	100,0	14.679	100,0	45.154	100,0	19.529	100,0

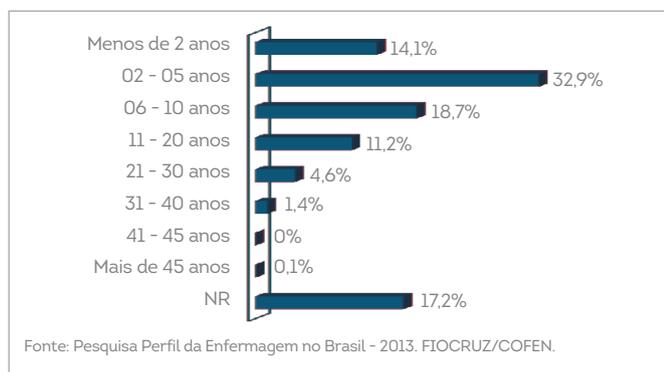
Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

### Enfermeiros especialistas

Apesar de mais de 70% dos enfermeiros terem realizado algum curso de Especialização, isso não se reflete quando a pergunta diz respeito a possuir, ou não, Título de Especialista. Neste caso, 51% declaram possuir um Título, o que torna possível inferir que parte significativa dos cursos oferecidos e realizados pelos enfermeiros não é reconhecido pela categoria/mercado de trabalho, não conferindo a eles o status de especialista. Por outro lado, não fica claro, de fato, a importância desta certificação nas instâncias da corporação. Inferindo-se que esse fenômeno da “especialização”, portanto, dos “especialistas” na enfermagem é relativamente recente.

Reforçando a característica de ser algo novo no mercado de trabalho da enfermagem, observa-se que dos 211 mil enfermeiros que informam possuir título de especialista (47%), obteve o título há 5 anos ou menos. Somado-se a faixa de 6-10 anos, o percentual eleva-se para 65,7% (Gráfico 3).

**Gráfico 3** - Enfermeiros com título de Especialista segundo tempo de concessão - Brasil



### OS AUXILIARES E TÉCNICOS DE ENFERMAGEM

#### Superqualificação da Força de Trabalho

Nesse imenso contingente de trabalhadores, 57,7% possuem o ensino médio completo, escolaridade exigida para atuar nesses postos de trabalho.

Por outro lado, chama atenção o fato que 5,7% dos auxiliares e técnicos, ou seja, aproximadamente 79 mil apresentam escolaridade inferior à exigida para atuar nesses postos de trabalho. É possível que esse fato esteja associado aos antigos atendentes ou práticos (em extinção), enquadrados no cargo de auxiliar de enfermagem, sem a exigência de comprovação<sup>13</sup>.

Contudo, o dado mais relevante refere-se a que mais de 1/3 (34,3%) dos auxiliares e técnicos está cursando ou já possui nível superior. Assim, esses 470 mil profissionais possuem escolaridade superior a exigida para atuar nos postos de trabalho de nível médio. De acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expansão do acesso à educação no Brasil promoveu tanto o aumento da escolaridade média quanto a redução da desigualdade educacional nos últimos 20 anos. Esse levantamento indicou aumento na média de anos de estudo em todas as regiões brasileiras. A média nacional passou de 7,5 anos em 2012 para 7,6 anos em 2014, tempo que é ainda maior entre as mulheres, atingindo 7,8 anos<sup>(6)</sup>.

Destaca-se ainda o que a literatura vem sinalizando ou seja, o fenômeno da superqualificação de trabalhadores, crescente a partir dos anos 2000 e associado à ampliação do acesso ao ensino superior sem a equivalente expansão da oferta de postos de trabalho mais qualificados (Tabela 8).

No caso da saúde, os dados da Pesquisa Assistência

<sup>13</sup>Prático de Enfermagem, expedido até 1964 pelo Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina e Farmácia, do Ministério da Saúde, ou por órgão congênere da Secretaria de Saúde nas Unidades da Federação, nos termos doDecreto-lei nº 23.774, de 22 de janeiro de 1934, doDecreto-lei nº 8.778, de 22 de janeiro de 1946, e daLei nº 3.640, de 10 de outubro de 1959; Pessoal enquadrado como Auxiliar de Enfermagem, nos termos doDecreto-lei nº 299, de 28 de fevereiro de 1967,(http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/leis/l7498.htm)

Médica Sanitária do IBGE<sup>(7)</sup> mostram que, desde a década de 1980, os empregos de nível elementar vêm decrescendo, ao mesmo tempo, que os empregos de nível auxiliar e técnico crescem especialmente, no setor público. Tal fato se deveu, já desde a década de 1990 por conta da expansão da Atenção Básica, que passa a se constituir como principal *locus* empregador desse segmento de trabalhadores (ACS, endemias, saúde bucal, bem como de auxiliares e técnicos de enfermagem).

**Tabela 8** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo nível de escolaridade - Brasil

Escolaridade	V.Abs.	%
Primeiro Grau Incompleto	3.215	0,2
Primeiro Grau Completo	25.126	1,8
Segundo Grau Incompleto	50.747	3,7
Segundo Grau Completo	801.613	57,7
Nível Superior Incompleto	316.975	22,8
Nível Superior Completo	159.421	11,5
NR	32.725	2,4
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

#### Onde se formam: a hegemonia da iniciativa privada

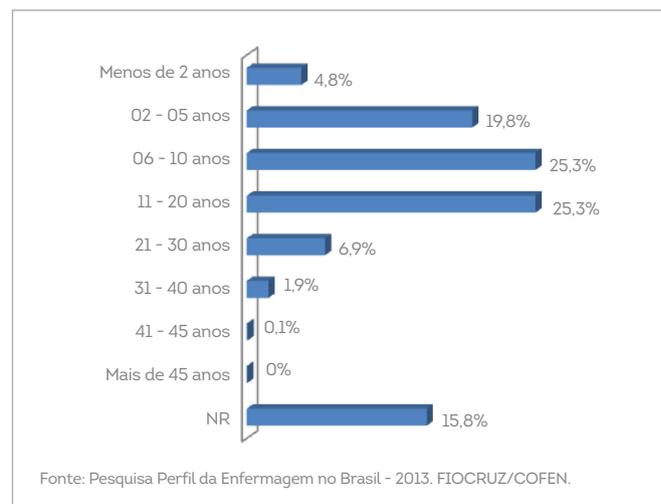
A grande maioria dos auxiliares e técnicos, ou seja, 72% realizou sua formação em instituições privadas e 16% em escolas públicas. Nota-se que essa distribuição acompanha os dados do Censo Escolar<sup>(8)</sup> disponibilizados pelo MEC que sinaliza que, de forma geral, a Educação Profissional em Saúde no país é, mais do que em outras áreas, ofertada pelo setor privado.

Para explicar esse fenômeno deve-se considerar que a formação técnica para a indústria foi objeto de políticas educacionais específicas desde 1940, enquanto que na Saúde só começa com o Projeto Larga Escala em meados dos anos de 1980, já associada ao processo de constituição do Sistema Único de Saúde e da municipalização da saúde.

#### Tempo de formado

A maior parte dos auxiliares e técnicos concluíram sua formação entre 6 e 20 anos atrás, somando 50,6% do total. Em outro polo, estão 25% que se formaram há menos de 5 anos (Gráfico 4). Destaca-se o baixo quantitativo de pessoas com mais de 21 anos de conclusão do curso (9%).

**Gráfico 4** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tempo de formado - Brasil



#### Local onde se formam: a hegemonia de uma região

A formação profissional destes trabalhadores é realizada, majoritariamente, nos estados da região Sudeste, sendo Rio de Janeiro e São Paulo responsáveis por 36% do total. Logo a seguir, tem-se Minas Gerais (8,4%), Rio Grande do Sul (6,5%) e Bahia (5,4%); e os que apresentam menores percentuais são: Roraima (0,1%); Acre (0,3%); e Amapá (0,5%).

A hegemonia da Região Sudeste se evidencia quando somados os percentuais dos demais (Minas Gerais e Espírito Santo). Nota-se que essa região é responsável por 49,5% da formação na área. Esses dados confirmam os resultados de estudos acerca da Educação Profissional em Saúde que apontam que 50% das matrículas nos cursos técnicos em saúde localizavam-se no Sudeste em 2011. Além de São Paulo (23,3%), Rio de Janeiro (12,7%), Minas Gerais (8,4%), os estados do Rio Grande do Sul e Bahia apresentam percentuais acima dos 5% de alunos formados (Tabela 9).

Nota-se que, se somados os percentuais de todas as regiões do Brasil (48,3%), estes são próximos aos apresentados pelo Sudeste (46,5%).

**Tabela 9** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo estado que se formaram - Brasil

Unidade da Federação	V.Abs.	%
Brasil	1.389.823	100,0
Região Norte	108.831	7,8
Rondônia	9.922	0,7
Acre	4.356	0,3
Amazonas	29.667	2,1
Amapá	7.070	0,5

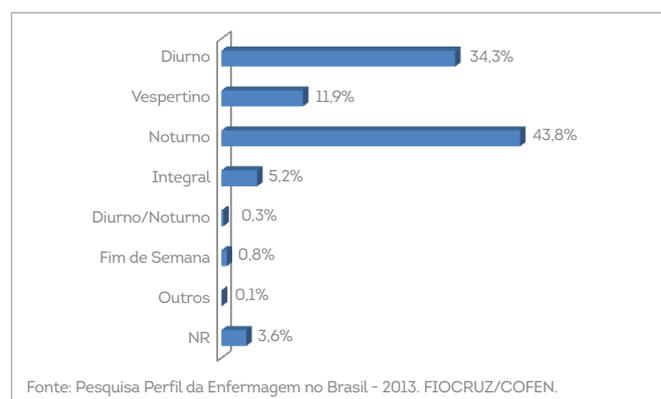
Pará	45.900	3,3
Roraima	2.036	0,1
Tocantins	9.881	0,7
Região Nordeste	293.268	21,1
Maranhão	30.653	2,2
Piauí	20.791	1,5
Ceará	41.032	3,0
Rio Grande do Norte	19.649	1,4
Paraíba	22.591	1,6
Pernambuco	55.906	4,0
Alagoas	14.303	1,0
Sergipe	13.753	1,0
Bahia	74.591	5,4
Região Sudeste	646.602	46,5
Minas Gerais	116.105	8,4
Espírito Santo	29.768	2,1
Rio de Janeiro	177.046	12,7
São Paulo	323.682	23,3
Região Sul	182.155	13,1
Paraná	56.553	4,1
Santa Catarina	35.315	2,5
Rio Grande do Sul	90.286	6,5
Região Centro-Oeste	87.206	6,3
Mato Grosso do Sul	12.227	0,9
Mato Grosso	13.951	1,0
Goiás	41.395	3,0
Distrito Federal	19.633	1,4
NR	71.760	5,2

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

### Modalidade do Curso

Destaque para o elevado contingente de quase 610 mil que realizaram sua formação em período noturno, alcançando um percentual de 43,8%. Registra-se, também, que 1/3 (34,3%) do contingente total realizou a formação no horário diurno. (Gráfico 5). Esse dado pode estar associado a maior oferta de cursos privados, à faixa etária, de acordo com o Censo Escolar, parecem mais velhos do que a média dos alunos das demais formações técnicas. Tal fato sinaliza, também, que uma parcela destes indivíduos trabalha e estuda concomitantemente. De acordo com pesquisas empíricas, eles buscam a formação profissional na saúde como uma tentativa de inserção mais estável no mercado de trabalho.

**Gráfico 5 -** Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo modalidade do curso de formação - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

### Capacitação profissional: modalidade

Os dados da pesquisa mostram que aqueles trabalhadores que realizaram alguma capacitação nos últimos 12 meses representam 41,4% do total. Evidenciam ainda que 45,8% dos cursos realizados foi na modalidade Atualização, seguido pelos de Aperfeiçoamento com 31,1% e Especialização com 23%. Mesmo de forma diminuta registra-se um quantitativo de pessoas que, apesar de serem profissionais com função de nível médio, declaram ter Pós-Graduação *stricto sensu*. Tal fato reforça a ideia de superqualificação desta FT (Tabela 10).

De acordo com o Plano Nacional de Educação<sup>(10)</sup>, tanto os de Atualização como de Aperfeiçoamento são considerados de formação continuada. Destaca-se que, os cursos de Atualização possuem carga horária mínima de 40 horas, os de Aperfeiçoamento 180 horas e os de Especialização 360 horas.

**Tabela 10 -** Auxiliares e Técnicos de Enfermagem com Capacitação Profissional segundo modalidade do curso - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

Modalidade	V.Abs.	%
Atualização	304.806	45,8
Aperfeiçoamento	206.979	31,1
Especialização	153.018	23,0
Mestrado Acadêmico	798	0,1
Mestrado Profissional	233	0,0
<b>Total</b>	<b>665.834</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

### Tempo de conclusão da Capacitação

Dentre os auxiliares e técnicos de enfermagem que realizaram cursos de Atualização, 50,7% concluíram esses cursos nos últimos 5 anos. Por outro lado, 25% declaram ter realizado entre 6-20 anos atrás. Os dados relativos ao

Aperfeiçoamento são muito próximos aos encontrados na modalidade anterior, ou seja, 51,1% dos indivíduos realizou nos últimos 5 anos e 23,5% cursaram Aperfeiçoamento entre 6-20 anos atrás.

Dada a baixa resposta dos que declararam anteriormente ter realizado curso de Especialização, Mestrado Profissional e Mestrado Acadêmico não foi possível determinar com precisão estatística o tempo de conclusão. Assim, com as poucas informações contidas, pode-se inferir, que dentre os que responderam, a maioria realizou ou está realizando há menos de 5 anos.

### Curso de Tecnólogo

Torna-se relevante registrar que 10%, ou seja, mais de 140 mil auxiliares e técnicos de enfermagem declararam ter feito algum curso de Tecnólogo. Isto reforça ainda mais a tese da super qualificação encontrada nesse contingente.

De acordo com os dados, o Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia<sup>(11)</sup>, lançado pelo MEC em 2006, apresenta denominações, sumário de perfil do egresso, carga horária mínima e infraestrutura recomendada de 112 graduações tecnológicas organizadas em 13 eixos. Assim como os Programas de Mestrado Profissional, a oferta dessa modalidade passou a ser incentivada a partir da segunda metade dos anos 1990. Os mais próximos da área de enfermagem localizam-se no eixo denominado Ambiente e Saúde: 1) Gestão Ambiental; 2) Gestão Hospitalar; 3) Oftálmica, Radiologia; 4) Saneamento Ambiental; e 5) Sistemas Biomédicos.

### FT com curso superior

Ainda mais relevante é o fato de quase 30% deste contingente ter feito ou estar fazendo algum curso superior. Faz-se necessário, posteriormente, correlacionar com a faixa etária e região do país para facilitar a compreensão desse fenômeno crescente de superqualificação, ou seja, o aumento do número de indivíduos que possui escolaridade superior ao que é exigido pelo posto de trabalho que ocupa.

A pesquisa mostra que a maioria (63,7%) dos trabalhadores, auxiliares e técnicos que fizeram ou estão fazendo alguma graduação o fazem na própria área de enfermagem. Tal fato sugere forte interesse na ascensão profissional por meio da construção de uma carreira na área. Aqui está se falando de um contingente de aproximadamente 251 mil capacitandos em Enfermagem, apesar de atuarem como auxiliar/técnico. Ainda na área da saúde, a segunda profissão de destaque é o Serviço Social, seguido da Biologia, Fisioterapia, Biomedicina, Educação Física e Psicologia (Tabela 11).

**Tabela 11** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem que realizaram curso superior segundo a área - Brasil

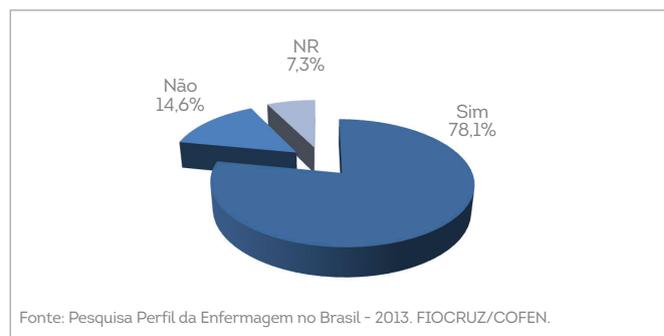
Área	V.Abs.	%
<b>Enfermagem</b>	<b>251.832</b>	<b>63,7</b>
Medicina	612	0,2
Medicina Veterinária	586	0,1
Biologia	11.932	3,0
Biomedicina	4.674	1,2
Farmácia	3.989	1,0
Nutrição	2.345	0,6
Fonoaudiologia	934	0,2
Fisioterapia	11.181	2,8
Terapia Ocupacional	876	0,2
Odontologia	674	0,2
Psicologia	9.598	2,4
Educação Física	5.096	1,3
Serviço Social	29.515	7,5
Administração	8.968	2,3
Direito	11.108	2,8
Engenharia	2.316	0,6
Teologia	2.992	0,8
Pedagogia	9.431	2,4
Letras	3.709	0,9
Ciências Contábeis.	1.642	0,4
Gastronomia	287	0,07
Gestão Políticas Públicas	912	0,2
Sistema Informação	537	0,1
Recursos Humanos	947	0,2
Cosmetologia	216	0,1
Tecnólogo	458	0,1
Outro Curso Técnico	1.290	0,3
Outra	12.157	3,1
NR	4.751	1,2
<b>Total</b>	<b>395.562</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

### Pretensão de continuar os estudos

A intenção de continuar os estudos é afirmada por 78,1% dos auxiliares e técnicos, o que parece confirmar a valorização que a educação vem recebendo como fator decisivo na melhoria da inserção no mercado de trabalho (Gráfico 6).

**Gráfico 6** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo pretensão de continuarem os estudos - Brasil



O volume de quase 80% deste total de auxiliares e técnicos que pretendem continuar os estudos permite dizer que em sua maioria, a intenção é de permanecer na própria área. Esta afirmação se baseia no fato que 59,3% desejam fazer Enfermagem, confirmando o interesse no crescimento por meio de uma trajetória profissional. Reforça-se aqui a necessidade de se ter políticas públicas que regularizem a situação da ascensão funcional, tão requerida no âmbito da saúde.

Tendo como base os 10 cursos mais procurados, chama atenção o volume de pessoas que pretendem seguir estudos na área da saúde, além, naturalmente, da Enfermagem. São eles: Medicina, Biologia, Biomedicina, Serviço Social, Psicologia e Nutrição. Fora da área de saúde, despontam: Direito, Administração, Pedagogia, além da Cosmetologia, Engenharia. Registra-se também outros cursos técnicos no âmbito da saúde também são mencionados como nova área de interesse.

### Conhecimento da ETSUS

De um universo de quase 1 milhão e quatrocentos mil trabalhadores, apenas 13,6% afirmam conhecer a Rede de Escolas Técnicas do SUS - ETSUS (Gráfico 14). A baixa participação e, conseqüentemente utilização da ETSUS, remete a uma contradição da sua própria existência. Vale dizer que essas Escolas são instituições públicas criadas para atender as demandas locais de formação técnica daqueles que já atuam nos serviços de saúde e acompanharam o processo de municipalização do SUS no Brasil.

Esta rede de escolas técnicas está presente em todo o país, estruturada de forma que o acesso à elas seja simples e prático. No entanto, os dados da pesquisa mostram o oposto a existência em todos os estados não faz valer sua presença entre este enorme contingente profissional, carente de maior qualificação e atualização permanente.

Dos que conhecem a ETSUS, 40,9% foram alunos dessas escolas. A participação destes profissionais/alunos nas ETSUS se deu na modalidade de cursos (56,6%), seguido dos que frequentaram palestras, seminários e oficinas (37,7%).

### PROFAE

Outro fato surpreendente mostrado na pesquisa é que o PROFAE - Programa de Profissionalização dos Trabalhadores da Enfermagem formou apenas 12,6% dos auxiliares e técnicos de enfermagem (Tabela 12).

Esclarece-se que, o PROFAE foi uma Proposta de qualificação do Governo federal - 1999-2002, desenvolvido por um período de apenas 3 anos. Tal fato pode explicar o baixo quantitativo de formados, levando em consideração o enorme contingente existente.

O PROFAE foi criado para qualificar aqueles inseridos

nos serviços de saúde, sem a habilitação técnica necessária para o exercício dessas ações. O Projeto buscou também qualificar aqueles sem escolaridade básica e de baixa renda, o que lhes impediam ou dificultavam o acesso aos cursos profissionalizantes ofertados pelo mercado educativo.

Em 1999, estimava-se existir, aproximadamente, 225.000 pessoas, genericamente, classificados como de nível médio. Elas atuavam como atendentes, nos setores tanto público como privado e filantrópico no âmbito do SUS. Essa situação implicava irregularidade e ilegalidade na inserção destes trabalhadores no mercado de trabalho de acordo com a Lei do Exercício Profissional de Enfermagem, Lei Federal nº 7.498/86.

**Tabela 12** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo realização de curso de formação pelo PROFAE - Brasil

PROFAE	V.Abs.	%
Sim	175.153	12,6
Não	1.118.054	80,4
NR	96.616	7,0
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

A maior parte (59,4%) desses trabalhadores qualificados pelo PROFAE fez a complementação do auxiliar para o técnico. Já a modalidade de auxiliar de enfermagem registrou um percentual de 38,1%.

Esses dados se aproximam das informações disponibilizadas pelo Ministério da Saúde<sup>(12)</sup>, que indicam que o PROFAE formou 207.844 alunos como auxiliares e técnicos e que 80.124 concluíram a complementação do auxiliar para técnico.

Vale realce que esse programa motivou a criação do Programa de Formação de profissionais de Nível Médio para a Saúde - PROFAPS, em 2009, cujas diretrizes foram definidas na Portaria Nº 3.189, do Ministério da Saúde<sup>(13)</sup>.

No PROFAPS, a enfermagem é uma das nove áreas técnicas estratégicas prioritárias para a educação profissional de nível médio na saúde, que são Radiologia, Patologia Clínica e Citotécnico, Hemoterapia, Manutenção de Equipamentos, Saúde Bucal, Prótese Dentária, Vigilância em Saúde e Enfermagem.

O objetivo, no período de oito anos, é qualificar e/ou habilitar 745.435 trabalhadores em cursos de Educação Profissional para o setor saúde, já inseridos ou a serem inseridos no SUS. A proposta deste projeto está inserida em uma realidade onde a oferta de cursos nesta área é escassa, principalmente em regiões como o Norte e o Nordeste, justamente onde as demandas por qualificação são maiores.

Registra-se que a Educação Profissional no país é, desde 2011, foco de um grande projeto implementado pelo Governo Federal chamado PRONATEC<sup>(14)</sup> que tem como meta formar

cerca de 7 milhões de alunos em cursos técnicos de diversas áreas. De acordo com o último balanço feito pelo MEC<sup>15)</sup>, a enfermagem aparece em terceiro lugar entre os cinco cursos mais procurados pelos alunos com 36.320 inscrições.

### NOTAS FINAIS

Os resultados acerca da formação profissional na área de enfermagem, tanto do enfermeiro, do técnico e do auxiliar de enfermagem, obtidos na pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil, precisam ser contextualizados na história recente de expansão do acesso ao ensino vivenciada em nosso país. É necessário considerar que, para além de um instrumento político e ideológico de resposta às exigências dos mercados, a educação e, em especial, a educação profissional, devem ser tomadas como baluarte do desenvolvimento social com justiça e bem-estar.

Se for verdade que a Reforma Universitária brasileira perpetrada nos anos de 1960 e 1970, tida como “desdobramento do milagre brasileiro na esfera educacional [...], meramente contribuiu para alargar um pouco mais o restrito número de privilegiados que atingem o ápice da pirâmide”<sup>16)</sup>, também nada tinha “de democrática nem de democratizante”, além de não alterar a qualidade do ensino superior, “seja quanto à intensidade, à racionalidade e ao rendimento”, resultando apenas: 1º) das pressões naturais, nascidas do intenso crescimento constante do ensino médio; 2º) de medidas improvisadas e altamente demagógicas de criação ou elevação das oportunidades educacionais sem qualquer critério responsável, mediante manipulação arregimentadora de escolas superiores ou universidades oficiais e particulares”.

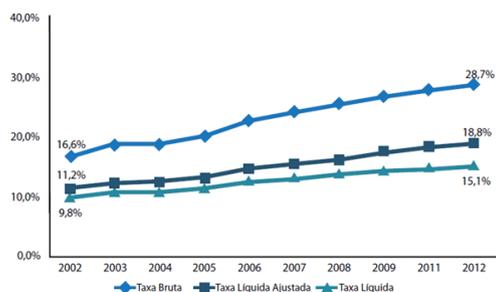
Também é verdade afirmar que hoje essa arena de conflitos e interesses é palco de um processo construído desde 2003 e a realidade educacional na última década foi instituindo um sem-número de projetos, programas e políticas governamentais que, ora buscam a expansão universitária, ora a inclusão, acesso e permanência de camadas populacionais específicas (Prouni, Fies, Sisu, PBP, Programa Incluir, Pnaes, Pnaest, Promisaes, Lei de Cotas), além de programas especiais (Proext, PET e Proies).

O boom de universidades, cursos, vagas e alunos, verificado nessa ‘segunda Reforma Universitária’ brasileira, tem sido mais sustentável do que aquele da segunda metade do séc. XX, por uma questão de vontade política. E é impossível olvidar que essas políticas têm apresentado reflexo na sociedade como um todo, no que se refere às taxas de escolaridade. Esse aumento da escolaridade nos anos 2000 está representado no gráfico retirado do Resumo Técnico do Censo da Educação Superior de 2012, do Inep (Figura 2)<sup>16)</sup>.

<sup>14</sup>Em sua maioria vinculadas às secretarias estaduais e municipais de saúde, a adoção dos princípios e diretrizes do SUS norteiam a prática formativa dessas escolas que atuam no segmento chamado de educação profissional, que hoje engloba a formação inicial e continuada, os cursos técnicos e os tecnológicos. Para maiores informações ver: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/319-sgtes/gestao-da-educacao/9601-escolas-tecnicas-do-sus>

<sup>15</sup>Lei que reconheceu a existência de trabalhadores de enfermagem sem qualificação exercendo a profissão, mas, concedeu um prazo de até dez anos para que todos fossem profissionalizados e se tornassem, no mínimo, auxiliares de enfermagem. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/download/LeiPROFISSIONAL.pdf>

**Gráfico - Evolução das Taxas de Escolarização na Educação Superior - Brasil - 2002 - 2012**



Fonte: IBGE, 2012. Gráfico elaborado pela Deep/Inep com base nos dados do PNAD.  
Obsevação: Como no ano de 2010 é realizado o Censo Demográfico, não se dispõe, nesse ano, dos dados da PNAD.

**Figura 2 - Gráfico retirado do Resumo Técnico do Censo da Educação Superior de 2012, do Inep.**

A expansão da escolaridade verificada nesse período é expressão de múltiplas determinações aí incluídas as mudanças no mundo do trabalho, que vêm exigindo readaptação dos profissionais ao mercado. Os números têm relevância: se em 2000 tínhamos 352.305 concluintes do ensino superior no Brasil, passamos, em 2012, a 1.050.413 concluintes nesse nível de ensino – um aumento de 198%<sup>17,18)</sup>.

Na saúde, como setor de intensa, profunda e acelerada incorporação tecnológica, mas que tem o diferencial de não substituir o trabalhador pela tecnologia, necessitando, de cada vez mais trabalhadores credenciados a atuar nesse mercado em constante mudança, essa expansão encontra reflexo e motivação exacerbados. Assim, os cursos da área da saúde tiveram, nesse mesmo período, um incremento de 218% no número de concluintes (de 69.323 concluintes em 2000, para 215.074 em 2012)<sup>19)</sup>.

A enfermagem, como contingente hegemônico na saúde, é bom reflexo dessa realidade. Com a criação, entre 2000 e 2012, de 684 novos cursos (passando de 183 para 867 cursos), representava, em 2012, 22% dos concluintes da saúde, tendo nesse período, um aumento de 450% do número de vagas e 750% do número de concluintes.

No caso da educação profissional, também, cabe ressaltar o mesmo fenômeno de expansão mais acelerada nos cursos do setor saúde. De acordo com Vieira et al<sup>20)</sup>, a matrícula nessa área cresceu de pouco mais de 82.000 em 1999 para 306.088 em 2009, ou seja, um crescimento de 373%. Ao longo desses anos, a matrícula de toda a educação profissional passa de 716.652 para 1.036.945, configurando um crescimento de 144%, apenas cerca de uma vez e meia maior. Conforme mencionado, a expansão dos cursos nesse período deve ser correlacionada com a criação mais acelerada de postos de trabalho no setor de serviços, com destaque para a área de saúde.

Cabe chamar atenção para o fato dos resultados da pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil reforçarem a necessidade de formulação de políticas públicas que interfiram na predominante oferta do setor privado na área da saúde. Em 1999, a iniciativa privada era responsável por 62% da formação técnica de nível médio na área da Saúde, enquanto nesse mesmo ano apenas 44% do total das matrículas da educação profissional de nível técnico em geral eram oriundas do setor privado. A maior participação do setor privado na formação técnica em saúde cresceu, ainda mais, ao longo da década seguinte e, em 2009, apenas 24,7% dos matriculados em cursos técnicos na área da saúde desenvolviam sua formação em escolas técnicas públicas<sup>(20)</sup>.

Ainda em relação a educação profissional, de acordo com os dados do MEC/INEP 2011<sup>(21)</sup> - assim como em relação aos

cursos de nível superior - se percebe, entre 1999 e 2009, uma concentração na região Sudeste que, sozinha, responde por mais da metade do total de matriculados no Brasil. A partir de 2005, se observa um decréscimo gradativo da participação relativa dessa região e um crescimento mais significativo das matrículas no Sul e, principalmente no Nordeste.

De forma geral, os dados de formação obtidos na Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil e que passam, agora, a ser apresentados evidenciaram que as políticas públicas não têm sido efetivas no sentido de desconcentrar o aparelho formador de enfermagem, seja em nível superior ou técnico, da região Sudeste e de financiar, com dinheiro público, a formação - em nível técnico, Graduação e Especialização - dessa Força de Trabalho fundamental para o Sistema Único de Saúde.

## REFERÊNCIAS

- Machado MH (Coord.), Aguiar WF, Lacerda WF, Oliveira E, Lemos W, Wermelinger M, et. al. Relatório final da Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil (Convênio: FIOCRUZ/COFEN). Rio de Janeiro: 28 volumes, NERHUS-DAPS-Ensp/Fiocruz e Cofen; 2015.
- Ministério da Educação (BR). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Censo da Educação Superior. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo demográfico. Rio de Janeiro; 2010.
- Brasil. Lei n. 9.394, de 20 de dez. 1996. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1998.
- Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=8825-rces001-07-pdf&category\\_slug=setembro-2011-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8825-rces001-07-pdf&category_slug=setembro-2011-pdf&Itemid=30192).
- Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=20802:pesquisa-aponta-queda-do-analfabetismo-e-aumento-na-escolaridade&catid=222&Itemid=86](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=20802:pesquisa-aponta-queda-do-analfabetismo-e-aumento-na-escolaridade&catid=222&Itemid=86).
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Assistência Médica Sanitária; 2014.
- Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Censo Escolar. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br>.
- Observatório dos Técnicos em Saúde. Disponível em: <http://www.observatorio.epsjv.fiocruz.br/index.php?Area=PaginaAvulsa&Num=22>.
- Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Plano Nacional de Educação. Disponível em: <http://sinafor.mec.gov.br/duvidas.html>.
- Brasil. Ministério da Educação, Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia, 2006. Disponível em: [file:///C:/Users/Lateps07/Desktop/catalogo\\_nacioanl\\_cursos\\_superiores\\_tecnologia\\_2010.pdf](file:///C:/Users/Lateps07/Desktop/catalogo_nacioanl_cursos_superiores_tecnologia_2010.pdf).
- Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/319-sgtes-p/gestao-da-educacao-raiz/gestao-da-educacao/9583-acoes-e-metas-realizadas-1>.
- Disponível em: [http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt3189\\_18\\_12\\_2009.html](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt3189_18_12_2009.html).
- Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2014/06/1472365-dilma-lanca-novo-pronatec-com-meta-de-12-milhoes-de-matriculadas.shtml>.
- Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/05/pronatec-oferece-mais-de-200-opcoes-de-cursos-tecnicos>.
- Fernandes F. Universidade Brasileira: reforma ou revolução? São Paulo: Ed. Alfa-Omega; 1975. p. 34.
- Brasil. Ministério da Educação. INEP. Censo da educação superior 2002: tabelas resumo técnico. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2014. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/censo-da-educacao-superior/resumos-tecnicos>.
- Brasil. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo da educação superior 2012: resumo técnico. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2014. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2012/resumo\\_tecnico\\_censo\\_educacao\\_superior\\_2012.pdf](http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2012/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2012.pdf).
- Brasil. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, SIGRAS/ObservaRH - IMS/UERJ. Disponível em <http://www.obsnetims.org.br/sigras>.
- Vieira M, et. al. Dinâmica da formação técnica e da ocupação de postos de trabalho em saúde. Brasil: Anos 2000 In: Trabalhadores Técnicos da Saúde: aspectos da qualificação profissional no SUS. Rio de Janeiro: EPSJV, 2013.
- Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2011. Microdados Censo Escolar. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-levantamentos-acessar>.

Recebido: 30/11/2015

Aceito: 22/02/2016

<sup>20</sup>No gráfico demonstra-se a evolução dessas taxas de escolarização no período de 2002 a 2012. São apresentadas três taxas principais para a análise sociodemográfica e populacional no âmbito da educação superior brasileira: (i) Taxa Bruta de Escolarização na Educação Superior - Percentual de pessoas que frequentam cursos de graduação na educação superior em relação à população de 18 a 24 anos. (ii) Taxa Líquida de Escolarização na Educação Superior - Percentual de pessoas de 18 a 24 anos que frequentam cursos de graduação na educação superior em relação à população de 18 a 24 anos. (iii) Taxa Líquida Ajustada de Escolarização na Educação Superior - Percentual de pessoas de 18 a 24 anos que frequentam cursos de graduação na educação superior ou já concluíram um curso de graduação em relação à população de 18 a 24 anos.